

# O FENÔMENO DE ELEVAÇÃO DA VOGAL /O/ NA FALA DE DESCENDENTES DE ESLAVOS DE IRATI E MALLET, PARANÁ

Lucelene Teresinha Francenchini<sup>1</sup>  
Loremi Loregian- Penkal<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), tem como objetivo investigar o processo de elevação da vogal média /o/, em posição postônica final, na fala em língua portuguesa de moradores da zona rural, descendentes de imigrantes eslavos da região Sudeste do Paraná, mais especificamente de Irati e Mallet, Paraná. Foram analisadas 48 entrevistas sociolinguísticas estratificadas por sexo, duas faixas etárias, etnia e três níveis de escolaridade, pertencentes ao banco de dados do projeto Variação Linguística de Fala Eslava, VARLINFÉ. Os resultados obtidos apontam uma baixa ocorrência de elevação da vogal analisada.

**Palavras-chave:** Elevação vocálica; Etnia eslava; Projeto VARLINFÉ.

## THE PHENOMENON OF ELEVATION OF THE VOWEL /O/ IN THE SPEECH OF SLAVIC DESCENDANTS FROM IRATI AND MALLET, PARANÁ

This research, based on the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), sought to investigate the process of raising the mid vowel /o/ when in a final postonic position, in the Portuguese spoken in rural areas by descendants of Slavic immigrants from the southeast region of Paraná, more specifically from Irati and Mallet, Paraná. Forty eight sociolinguistic interviews stratified according to gender, two age ranges and three levels of education, belonging to the database of the project VARLINFÉ (Variação Linguística de Fala Eslava) were analyzed. The data have indicated a low raising rate for the vowel studied.

**Keywords:** Vowel raising; Slavic ethnicity; Project VARLINFÉ.

1 Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: lucelenetf@gmail.com.

2 Doutora em Linguística (Universidade Federal do Paraná) com pós-doutorado em Sociolinguística. Professora da graduação e do Mestrado e Doutorado em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: llpenkal@unicentro.br.

## Introdução

Este estudo analisa a elevação da vogal média posterior /o/ na fala de descendentes de eslavos da zona rural de Irati e Mallet, Paraná. Para tanto, foram analisadas 48 entrevistas sociolinguísticas, 24 de cada uma das localidades, distribuídas por duas faixas etárias (25 a 49 anos e acima de 50 anos), sexo (feminino e masculino), etnia (ucraniana, polonesa, híbrida) e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio), pertencentes ao banco de dados do projeto VARLINFE.

No Sul do Brasil, dois estudos de Vieira (2002; 2009) apresentaram análises a respeito da elevação das vogais átonas finais. Em Vieira (2002), a autora analisou as vogais /e/ e /o/ finais e não finais de oito informantes de cada uma das cidades do banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil, VARSUL: Curitiba, Irati, Pato Branco, Londrina, Florianópolis, Lages, Blumenau, Chapecó, Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Seus resultados mostraram altos índices de não elevação das vogais átonas finais na fala dos habitantes de algumas das cidades analisadas, com destaque para Curitiba, Chapecó, Flores da Cunha e Irati.

Em Vieira (2009), a autora analisou o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ na fala de 48 informantes, 16 informantes de cada uma das capitais da região Sul. Em relação às postônicas finais com /o/, a pesquisadora verificou que os percentuais de aplicação da regra de elevação de /o/ postônico final são bastante altos nas três capitais, podendo ser considerados praticamente categóricos para Porto Alegre (97%) e Florianópolis (95%). Curitiba também apresentou um importante percentual de elevação (81%). Porto Alegre foi a capital que mais aplicou a regra de elevação, apresentando um peso relativo de 0,74. A seguir, os dados mostraram Florianópolis com um peso relativo de 0,55, indicando que, nessa amostra,

Florianópolis teve um papel praticamente neutro em relação aos índices gerais de elevação de /o/. Já em Curitiba, a regra de aplicação foi bem menor, cujo peso relativo foi de apenas 0,22.

Limeira (2013), também nos dados do VARSUL, estudou o comportamento das vogais médias /e/ e /o/, em pauta pretônica, postônica e nos clíticos, na fala de 12 informantes de Curitiba. A autora verificou que as postônicas apresentam os maiores percentuais gerais de não elevação das vogais médias, com 62% para /o/ e 70% para /e/.

No Rio Grande do Sul, Machry da Silva (2009) analisou a elevação das vogais médias postônicas em dados de fala de 14 informantes de Rincão Vermelho, uma localidade rural, situada na fronteira com a Argentina. Seus resultados mostraram que o alçamento das vogais /e/ e /o/ em posição final ocorre de forma variável, com maior probabilidade de aplicação para a vogal média /o/. Os falantes da comunidade em estudo elevaram essa vogal quase na mesma medida em que a preservaram, apresentando uma leve tendência para o alçamento (55%).

Outro estudo realizado no Rio Grande do Sul foi o de Mileski (2013), que analisou a elevação das vogais médias átonas finais no português falado por 24 informantes, descendentes de imigrantes poloneses, residentes na comunidade rural de Vista Alegre do Prata. Os resultados deste estudo apontaram um percentual de elevação significativamente mais baixo que o encontrado em outras localidades, com 5,6% de elevação da vogal átona final /o/ e 2,5% de elevação da vogal final /e/.

Os trabalhos citados acima, dentre outros, apresentam resultados bastante significativos em relação à produção variável da vogal átona final /o/ no Sul do Brasil. Na medida do possível, procuramos comparar nossos resultados aos obtidos nesses estudos. No entanto, destaca-se que cada um desses trabalhos organizou distintamente as variáveis independentes e, nestas, os fatores, especialmente as variáveis

*contexto precedente e contexto seguinte*, fato que, em alguns casos, dificultou generalizações.

## As comunidades de Irati e Mallet

De acordo com o Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1996), o povoamento da cidade de Irati recebeu imigrantes de várias etnias e em diferentes épocas: em 1839 chegaram os bandeirantes paulistas, novas levas de colonizadores procedentes do sul paranaense chegaram por volta de 1864, em 1908 foi a vez dos imigrantes ucranianos, poloneses e holandeses atraídos ao país pelo movimento colonizador dirigido pelo Governo Federal. Em 1907, a vila de Iraty foi elevada a distrito<sup>3</sup>. Atualmente, segundo o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE<sup>4</sup>, a população total do município é de 59.250 pessoas. Em relação à distribuição da população, de acordo com o Censo de 2010<sup>5</sup>, o último que apresentou esses dados, 79,94% da população é urbana e 20,06% rural. A cidade fica a 150 Km de Curitiba e possui uma área territorial total de 999,5 Km<sup>2</sup>.

A cidade de Mallet<sup>6</sup> originou-se da vila de Rio Claro<sup>7</sup>, que hoje constitui um dos seus distritos, juntamente com Dorizon. A história da cidade e a chegada dos imigrantes eslavos estão imbricadas nos relatos das pessoas entrevistadas pelo projeto VARLINFE. O povoado de Rio Claro, denominação motivada pelo rio que corria no local, foi estabelecido em 1884 por famílias que ocupavam o Vale do Iguaçu e que

3 Informações históricas de Irati disponíveis no endereço eletrônico: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/irati/panorama>. Acesso em 21/05/2024.

4 Informações no seguinte endereço: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.htm>. Acesso em: 25/05/2024.

5 Informações disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=41&dados=0>. Acesso em 21/05/2024.

6 Informações adaptadas de LOREGIAN-PENKAL et al. (2013).

7 Informações históricas de Mallet disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/mallet/panorama>. Acesso em 21.05.2024.

legalmente foi criado como Colônia em 1891. Um ano antes, em 1890, e apenas seis anos após o estabelecimento do povoado, chegaram os primeiros imigrantes eslavos que vieram da Polônia. Um ano depois vieram três mil ucranianos e, por volta de 1895, mais uma leva de imigrantes ucranianos chegou à região.

A cultura sobreviveu e as duas línguas, tanto o polonês quanto o ucraniano, fazem-se presentes na comunidade, nas missas, nas cerimônias típicas, no artesanato e em registros escritos.

Em 1912, o povoado de “São Pedro de Mallet” foi elevado a município e em 1929 entrou oficialmente em vigor o nome Mallet. Segundo dados IBGE<sup>8</sup>, a população total do município é de 13.428 pessoas. Em relação à distribuição da população, o Censo de 2010 aponta como sendo 58,35% urbana e 41,65% rural. A cidade localiza-se no sudoeste paranaense, a 230 km da capital, Curitiba, e sua área total é de 723,024 Km<sup>2</sup>.

## Metodologia

Este estudo está fundamentado nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e em Labov (2008 [1972]). Foram levantados, por meio da análise de oitiva, os dados de elevação e de não elevação da vogal média-alta posterior /o/ em posição átona final de 48 entrevistas sociolinguísticas (com no mínimo 40 minutos de fala cada), realizadas com descendentes de eslavos, ucranianos e poloneses, moradores das zonas rurais de Irati e Mallet, cidades localizadas na região Sudeste do Paraná.

Os 24 informantes de cada uma das amostras foram estratificados em duas faixas etárias (12 de 25 a 49 anos; 12 de 50 anos ou mais), sexo (12 do sexo feminino e 12 do masculino), etnia (polonesa; ucraniana e híbrida)

8 Informações disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 21.05.2024.

e três níveis de escolaridade (8 informantes com fundamental I; 8 com fundamental II; 8 com ensino médio).

As entrevistas fazem parte do banco de dados VARLINFE, que contém amostras de fala de sete cidades do centro sul do Paraná: Prudentópolis, Mallet, Irati, Rio Azul, Rebouças, Ivaí e Cruz Machado.

O programa GoldVarbX foi utilizado para a análise estatística dos dados, que vem acompanhada por uma análise qualitativa dos resultados obtidos.

## Banco de Dados VARLINFE

O Banco de Dados VARLINFE<sup>9</sup> foi pensado e constituído por pesquisadores da área de Sociolinguística da Unicentro, *campus* de Irati, e está vinculado ao NEES (Núcleo de Estudos Eslavos) da UNICENTRO (campus de Irati). O banco-base é composto por 243 entrevistas de sete cidades da mesorregião Sudeste do Paraná: Irati, Mallet, Prudentópolis, Rebouças, Rio Azul, Ivaí e Cruz Machado, cujos entrevistados são todos descendentes de ucranianos e/ou poloneses. O banco apresenta também amostras complementares, com outras faixas etárias, não contempladas na amostra-base.

Para a montagem do VARLINFE foi adotada a mesma metodologia do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul, VARSUL, mas com um diferencial importante: optou-se por registrar a fala de descendentes de eslavos da zona rural das localidades selecionadas.

O perfil dos informantes contemplou os seguintes critérios, consagrados em pesquisas sociolinguísticas: 1. Falantes descendentes de eslavos (ou seja, o informante deveria ser descendente de ucraniano ou polonês, de pai ou de mãe ou de ambos, e ter nascido na comunidade e/ou ter se mudado para lá, no máximo, aos 2 anos de idade). 2. Não ter viajado para outras localidades (por exemplo, o informante não

poderia ter sido caminhoneiro ou vendedor). 3. Morar na zona rural de um dos sete municípios incluídos na amostra.

Em relação às variáveis sociais, os informantes do VARLINFE foram estratificados desta forma: sexo (12 informantes do sexo masculino e 12 do feminino); idade (12 informantes de 25-49 e 12 acima de 50 anos), escolaridade (8 informantes com ensino fundamental I; 8 com fundamental II; e 8 informantes com ensino médio) e etnia (polonesa, ucraniana e híbrida<sup>10</sup>).

Além desses critérios, foram levados em consideração, também, para a montagem do Banco: (i) a elaboração e preenchimento de ficha social, que detalha o perfil social do entrevistado; (ii) elaboração do roteiro de perguntas, que prioriza a coleta de narrativas de experiência pessoal; (iii) obtenção de anuência do entrevistado via assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

## Variáveis analisadas

Nesta pesquisa, foram levantadas todas as ocorrências da vogal média posterior /o/ em contexto silábico postônico final de 48 entrevistas sociolinguísticas, sendo 24 entrevistas de Irati e 24 de Mallet, Paraná. Os entrevistados eram moradores da zona rural dos municípios e todos eram descendentes de ucranianos/poloneses com forte vivência na cultura dessas etnias. Além disso, é importante destacar que todos os entrevistados possuem algum grau de conhecimento da língua de imigração (polonesa e/ou ucraniana), ou seja, são todos detentores deste patrimônio imaterial.

Como variável dependente, postulamos a elevação de /o/ átono final *versus* a não elevação de /o/ final. Nas rodadas, definimos como valor de aplicação da regra a elevação. As variáveis sociais analisadas foram quatro: faixa etária

10 Entrevistados com ascendência ucraniana e polonesa. Por exemplo, a mãe do entrevistado é descendente de ucranianos e o pai de poloneses, ou vice-versa. Nos casos em que o entrevistado era casado, levamos em consideração também a etnia do cônjuge.

9 Maiores detalhes podem ser obtidos em LOREGIAN-PENKAL et al (2013).

(25 a 49 anos; acima de 50 anos); escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio); sexo (masculino; feminino) e etnia (ucraniana, polonesa e híbrida). As variáveis linguísticas independentes consideradas na análise e seus respectivos exemplos de ocorrência seguem especificados a seguir.

### 1. Tipo de consoante/vogal em contexto precedente

Esta variável foi considerada para verificar se o tipo de som (consoante ou vogal) que antecede a vogal /o/ interfere em sua produção, elevada para /u/ ou não. Os fatores controlados foram os que seguem:

1.1 Oclusiva [p, b, t, d, k, g]: “Os antigo eram rígido na religião”<sup>11</sup> (IRT 20 M1COLP)<sup>12</sup>

1.2 Fricativa [f, v, s, z, ʃ, ʒ, x]: “Por isso até acho que eu me espelhei muito nela” (Ma19F2ColP)

1.3 Nasal [m, n, ɲ]: “É plantemo, mas acho que paremo é uns deiz ano já”(Ma14F1PriP)

1.4 Lateral [l, λ]: “Sai na casa dos filho, dos parente” (IRT 23M2PRIU)

1.5 Rótico [r]: ““Mas não sei quanto que tinha que tê de dinheru.” (IRT 06 F1COLH)

1.6 Vogal [i]: “Antigamente diziam o ginásio, não sei se era o apelido”(Ma23M1GinP)

### 2. Ponto de articulação do som consonantal em contexto precedente

Com o controle desta variável, pretendeu-se analisar a influência que o ponto de articulação da consoante, em contexto precedente, exerce na realização da vogal média postônica /o/. Para tanto, controlamos as seguintes variáveis:

11 Nos exemplos dos dados de fala, optamos por transcrição ortográfica simples.

12 Notação que identifica os informantes e as variáveis sociais: IRT – Irati, Ma – Mallet, número que identifica o informante, M ou F – sexo, 1 ou 2 – 1 faixa etária até 50 anos e 2 faixa etária mais de 50 anos, PRI (Primário, 1 a 4 anos de escola), GIN (Ginásio, 5 a 8 anos de escola), COL (Colegial, 9 a 11 anos de escola) – grau de escolaridade, P (Polonesa), U (Ucraniana), H (Híbrida: ucraniano e polonês.) – etnia.

2.1 Bilabial [p, b, m]: “Eu com fumu nunca trabalhei.” (IRT 14 F2COLH)

2.2 Labiodental [f, v]: “Balinha de ovo, era umas baliinha assim de ovo” (Ma19F2ColP)

2.3 Alveolar [t, d, n, s, z, r, l]: “Dai ficô trabalhando e estudando.”(IRT 17M1GINH)

2.4 Pós-alveolar [ʃ, dʒ, ʒ, ʒ]: “Acho que era trigo, feijão.” (IRT 23M2PRIU)

2.5 Palatal [ɲ, λ]: “Meu padrinho era bem de vida.” (Ma17F1GinH)

2.6 Velar [k, g, x]: “Nem fico perto porque eu fico com dó.” (Ma28F1GinP)

### 3. Tipo de som em contexto posterior

O tipo de som em contexto posterior foi controlado para verificar se o contexto seguinte à variante em análise causa interferência na preservação de /o/ ou em sua elevação para /u/. Foram considerados os fatores:

Se consoante:

3.1 Oclusiva [p, b, t, d, k, g]: “Eu sô o mais novo da turma.” (IRT 25M2GINU)

3.2 Fricativa [f, v, s, z, ʃ, ʒ, x]: “Eles davam muito valor a terra.” (Ma26F2PriP).

3.3 Nasal [m, n, ɲ]: “E era bem no anu novu às doze hora...” (Ma18M2PrimP)

3.4 Lateral [l, λ]: “Eu não tenho lembrança.” (IRT 23M2PRIU)

3.5 Rótico [r]: “Fazemo reflorestamento no nosso.” (Ma17F1GinH)

3.6 Africada [ʃ, dʒ]: “Aí quando tchinha vontade de comê um doce...” (Ma20F1PriP)

Se vogal:

3.7 Anterior alta [i]: “Tem quatro igreja.” (IRT 23M2PRIU)

3.8 Anterior média [e, ε]: “eles construíram a igreja na colônia cinco em mil oitocentus e-noventa e seis.” (Ma16M2CoIU).

3.9 Posterior alta [u]: “Eu tenho **uns** pé de couve flor” (IRT 16M1PRIH)

3.10 Posterior média [o, ɔ]: “Quando **o** centeio já tava grande pra florescê” (Ma18M2PrimP).

3.11 Baixa [a]: “E deu aquele friu **aquela** vez.” (IRT 15M1PRIH)

3.12 Pausa: “Eu estudava pra Riu Claro. **Daí...**” (Ma28F1GinP).

#### 4. Ponto de articulação do som consonantal seguinte

Esta variável foi considerada para verificar se o ponto de articulação da consoante seguinte à vogal /o/ interfere em sua produção, elevada para /u/ ou não. Para testar esta variável, controlamos os seguintes fatores:

4.1 Bilabial [p, b, m]: “A gente respondia em brasileiro **pra** ele.” (IRT 27M2COLP)

4.2 Labiodental [f, v]: “Então quando **ocê** ganhava..” (Ma19F2ColP).

4.3 Alveolar [t, d, n, s, z, r, l]: “Era sofrido **também.**” (IRT 24M2GINP)

4.4 Pós-alveolar [ʃ, ʒ, ʒ, ʒ]: “Era todo mundo **junto** na mesma” (Ma23M1GinP)

4.5 Velar [k, g, x]: “E tem um filho **que** é médico.” (Ma16M2ColU).

#### 5. Sonoridade do segmento precedente

Esta variável foi considerada para verificar se a sonoridade (vozeada ou desvozeada) da consoante que precede a vogal /o/ influencia na sua produção, elevada para /u/ ou não. Foram considerados os fatores abaixo especificados:

5.1 Vozeado: “Agora **tamo** aprendendo artesanato cas irmã” (Ma26F2PrimP).

5.2 Desvozeado: “Aquele charuto, pirogui, já dexava **pronto** né” (IRT 17M1GINH)

#### 6. Tipo de sílaba

Com o controle desta variável buscou-se verificar se o tipo de sílaba (pesada/CVC ou leve/CV) influencia no comportamento da vogal média /o/ em posição postônica, favorecendo ou inibindo o alçamento. Para tanto, foram considerados os seguintes fatores:

6.1 Com coda: “Diferença de um ano e meio, dois **anus** assim.” (IRT 25M2GINU)

6.2 Sem coda: “Mas brinquedo a gente não conhecia” (Ma26F2PrimP).

#### 7. Presença/ausência de vogal alta na palavra

Esta variável foi considerada para verificar se a presença de uma vogal alta – /i/ e /u/ – na palavra influencia na preservação de /o/ átono final ou-se a presença de uma vogal alta interfere na elevação da vogal em estudo. Eis os fatores considerados:-

7.1 Presença de vogal alta: “**Isso** vem da firma já, **tu** vem de lá.” (Ma25M1PrimP).

7.2 Ausência de vogal alta: “Faz **tempo, logo** que ca-sei.” (IRT 25M2GINU)

As variáveis linguísticas acima especificadas foram adicionadas às variáveis sociais: *sexo, escolaridade, faixa etária e etnia*. Os dados obtidos foram devidamente codificados para que pudéssemos utilizar o programa GoldVarbX, cujos resultados encontram-se na seção a seguir.

### Análise da vogal átona final /o/ em Irati e Mallet

Nesta seção, vamos tecer um breve panorama dos resultados encontrados na análise da elevação do /o/ em Irati e Mallet, localidades de colonização majoritariamente eslava, com falantes bilíngues português/polonês, português/ucraniano. Trazemos, inicialmente, os resultados gerais obtidos nas duas localidades analisadas e, em seguida, trazemos um comparativo das variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes nas duas amostras.

Na análise das 24 entrevistas de Irati, em um total de 5573 ocorrências, obtivemos 90,7% (5056 ocorrências) de não elevação e 9,3% (517 dados) de elevação, ou seja, uma percentagem bastante elevada de não elevação da vogal **átona** final /o/.

Em Mallet, a percentagem de elevação da vogal átona final /o/ foi ainda mais reduzida. Em um total de 7436 ocorrências, 95,8% (7121 ocorrências) foram de não elevação, e em somente 4,2% das ocorrências (315 dados) os falantes elevaram essa vogal átona final, o que confirma a baixa aplicação da regra de elevação na amostra analisada.

Esses baixos percentuais de elevação em Irati (9,3%) e Mallet (4,2%), aproximam-se dos resultados de Mileski (2013), em Vista Alegre do Prata, RS, uma comunidade de descendentes de imigrantes poloneses, e que apresentou somente 5,6% de elevação da vogal /o/. Já nas capitais da região Sul (VIEIRA, 2009) e em Rincão Vermelho – RS (MACRHY DA SILVA, 2009), os percentuais de aplicação da regra de elevação de /o/ foram muito mais elevados (Curitiba:

81%, Florianópolis: 95%, Porto Alegre: 97% e Rincão Vermelho: 55%).

No quadro a seguir apresentamos as variáveis linguísticas e sociais selecionadas pelo programa GoldVarbX nas rodadas de Irati e Mallet.

O programa GoldvarbX selecionou dez variáveis em Irati e oito em Mallet. Dentre as variáveis linguísticas, cinco foram selecionadas nas duas localidades: tipo de sílaba; tipo de consoante/vogal em contexto fonológico precedente; ponto de articulação da consoante precedente; presença /ausência de vogal alta e ponto de articulação da consoante seguinte. Considerando as variáveis sociais, nas duas localidades foram selecionadas a etnia e o sexo. Além dessas variáveis sociais, Irati também selecionou a escolaridade e Mallet a faixa etária.

### **Análise das variáveis linguísticas**

Para facilitar a visualização comparativa dos resultados obtidos em Irati e Mallet, apresentamos na Tabela 1 as variáveis linguísticas selecionadas, os percentuais e pesos relativos obtidos em cada uma delas.

**Quadro 1: Variáveis selecionadas em Irati e Mallet**

<b>IRATI</b>	<b>MALLET</b>
1. Tipo de sílaba	1. Tipo de sílaba
2. Sexo	2. Tipo de consoante/vogal precedente
3. Tipo de consoante/vogal precedente	3. Presença/ausência de vogal alta
4. Etnia	4. Ponto de articulação da consoante seguinte
5. Ponto de articulação da consoante precedente	5. Etnia
6. Presença /Ausência de vogal alta	6. Sexo
7. Sonoridade do segmento precedente	7. Ponto de articulação da consoante precedente
8. Ponto de articulação da consoante seguinte	8. Faixa etária
9. Escolaridade	
10. Contexto fonológico seguinte	

Fonte: Elaborado pelas autoras

**Tabela 1: Variáveis linguísticas selecionadas em Irati e Mallet**

FATORES	IRATI			MALLET		
	Apl./T	%	P.R.	Apl./T	%	P.R.
<b>Tipo de sílaba</b>						
Com coda	227/530	42,8	<b>0,95</b>	146/753	19,4	<b>0,93</b>
Sem coda	290/5043	5,8	0,42	169/6683	2,5	0,43
<b>Tipo consoante/ vogal precedente</b>						
Vogal –i	52/257	20,2	<b>0,83</b>	54/376	14,4	<b>0,84</b>
Nasal	138/1186	11,6	<b>0,57</b>	90/1457	6,2	<b>0,67</b>
Oclusiva	188/2739	6,9	0,52	128/36	3,5	0,54
Lateral	58/304	19,1	0,47	8/374	2,1	0,36
Rótico	42/572	7,3	0,38	19/736	2,6	0,17
Fricativa	39/515	7,6	0,23	16/859	1,9	0,27
<b>Ponto de art. con-soante precedente</b>						
Labiodental	41/152	27	<b>0,83</b>	9/164	5,5	<b>0,80</b>
Bilabial	69/512	13,5	<b>0,64</b>	16/700	2,3	0,41
Palatal	32/465	6,9	0,49	16/549	2,9	0,42
Alveolar	309/3595	8,6	0,47	212/4774	4,4	<b>0,55</b>
Velar	22/496	4,4	0,45	7/633	1,1	0,22
<b>Presença/ausên-cia vogal alta</b>						
Presença	344/2808	12,3	<b>0,60</b>	193/3586	5,4	<b>0,60</b>
Ausência	173/2765	6,3	0,39	122/3850	3,2	0,40
<b>Ponto de art. cons. seguinte</b>						
Pós-alveolar	30/125	24,0	<b>0,73</b>	4/107	3,7	<b>0,60</b>
Alveolar	158/1799	8,8	0,53	66/2107	3,1	0,44
Bilabial	27/435	6,2	0,47	16/676	2,4	0,44
Velar	26/476	5,5	0,42	48/683	7,0	<b>0,71</b>
Labiodental	5/127	3,9	0,23	9/223	4,0	0,50
<b>Tipo consoante/ vogal seguinte</b>						
Fricativa	51/335	15,2	<b>0,66</b>			
Posterior média	41/194	21,1	<b>0,63</b>			
Anterior média	92/565	16,3	<b>0,54</b>			
Baixa (a)	67/582	11,5	<b>0,54</b>			
Oclusiva	119/1501	7,9	0,52			
Lateral	5/102	4,9	0,49			
Pausa	67/1126	6,0	0,45			
Nasal	69/981	7,0	0,44			
Anterior alta (i)	1/73	1,4	0,13			
<b>Sonoridade seg-mento precedente</b>						
Vozeado	466/3971	11,7	<b>0,56</b>			
Desvozeado	51/1602	3,2	0,36			

Fonte: Elaborado pelas autoras

Na análise das duas localidades, os resultados mostram que a variável *tipo de sílaba* (com coda/sem coda) foi selecionada em primeira posição em Irati e Mallet, ou seja, como a variável mais significativa nas duas localidades.

Verificou-se que as sílabas com coda (*juntus, novecentus*) são altamente favorecedoras da elevação em Irati e Mallet (0,95 e 0,93, respectivamente); já as sílabas sem coda (*casamento, fumo*) desfavorecem a elevação. Destacamos que a grande maioria dos dados de elevação apresentaram a coda /s/, o que nos faz pensar que tanto pode ser a coda como a consoante /s/ o fator mais favorável à elevação.

Portanto, em relação às sílabas com coda, o resultado de nossos dados corroboram os obtidos em Vieira (2009), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013), pois em todos esses trabalhos, com 0,82, 0,90 e 0,84, respectivamente, as sílabas com coda /s/ favoreceram a elevação de /o/ para /u/.

Na variável *tipo de consoante/vogal precedente*, em Irati e Mallet, a vogal /i / foi o fator que mais favoreceu a elevação (0,83 e 0,84, respectivamente). Já dentre as consoantes, as nasais mostraram-se favoráveis à elevação (0,57 e 0,67, respectivamente). As demais consoantes, ou apresentaram resultados próximos ao ponto neutro, ou desfavoreceram a elevação.

Os resultados da variável *ponto de articulação da consoante em contexto fonológico precedente* mostram que em Irati e Mallet as consoantes labiodentais (0,83 e 0,80, respectivamente) foram as que mais favoreceram a elevação. Também as bilabiais em Irati (0,64) e as alveolares em Mallet (0,55) apresentaram um favorecimento da elevação, embora com um resultado, especialmente das alveolares em Mallet, próximo ao ponto neutro. Vemos aí, portanto, nas duas amostras analisadas, que se o ponto de articulação da consoante que antecede a vogal /o/ for labiodental, este é o contexto que mais favorece a elevação.

Em relação ao contexto precedente, analisamos também a variável *sonoridade do*

*segmento precedente*. Essa variável foi selecionada somente em Irati e os resultados mostram que a elevação predomina (0,56) com os segmentos vozeados (*divertidu, cabu*); já os desvozeados (*charuto, campo*) favoreceram a preservação da vogal /o/.

A variável *tipo de consoante*, aliada ao *ponto de articulação dos sons* e rotulada como *contexto precedente* em outros trabalhos, foi selecionada em várias pesquisas (VIEIRA, 2009; MACHRY DA SILVA, 2009; MILESKI, 2013). No entanto, as diferenças na constituição dos fatores das variáveis dificultam comparações entre os resultados ou generalizações. Em nossa análise, separamos o contexto precedente pelo modo de articulação dos sons (oclusiva, fricativa, rótico, lateral etc) e ponto de articulação (alveolar, bilabial, palatal etc.), já os demais estudos analisaram as consoantes como coronais [+ant] e [-ant], dorsais e labiais, amalgamando ou isolando os diversos fatores.

Considerando a distinta organização dos fatores nas pesquisas citadas, ressaltamos a dificuldade de comparações entre os resultados de nossa amostra e aqueles apresentados nessas análises precedentes.

Os resultados para a variável *presença/ausência de vogal alta na palavra* mostram que a presença de vogal alta (*amigu, adubu*), com o mesmo peso relativo nas duas localidades (0,60), favorece a elevação da vogal final /o/ para /u/. Segundo Vieira (2002), esse comportamento está associado a um processo de assimilação progressiva, pelo qual a vogal média postônica assimila o traço de altura da vogal da sílaba precedente.

As análises de Vieira (2009) e Machry da Silva (2009) apontaram a vogal alta precedente como um dos fatores mais favorecedores para a elevação de /o/ átono final (0,82 e 0,90, respectivamente). Os resultados de Mileski (2013), apesar de menos polarizados, também mostraram que a presença de vogal alta favorece a elevação de /o/ átono final (0,57).

Constatamos, portanto, que nossos resultados confirmam a hipótese de que a presença de vogal alta na palavra condiciona a elevação da vogal átona final /o/ para /u/, conforme já demonstraram Vieira (2009), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013).

A análise do *ponto de articulação da consoante seguinte* mostrou que essa variável também pode interferir na aplicação da elevação ou da não elevação da vogal postônica /o/. Conforme podemos observar na tabela 2, os resultados apontaram como fatores favoráveis à elevação, em Irati e Mallet, as consoantes pós-alveolares (0,73 e 0,60, respectivamente) e as velares em Mallet (0,71).

Em relação ao *tipo de consoante/vogal seguinte*, variável selecionada somente em Irati, verificamos que as consoantes fricativas (0,66) e a vogal posterior média (0,63) foram os contextos mais favoráveis à elevação; já a vogal baixa e anterior média apresentaram um resultado próximo ao ponto neutro (0,54). Em relação às vogais, os resultados não confirmaram o esperado, pois as vogais altas em contexto seguinte, que acreditávamos favorecer a elevação, a desfavoreceram.

Outras pesquisas também analisaram o papel do contexto seguinte na realização do

/o/ átono final, embora tenham determinado esse contexto em função de traços fonológicos distintos, conforme já mencionamos em nossa análise do contexto precedente. Em relação à análise das vogais, verificamos que Machry da Silva (2009) e Mileski (2013) analisaram conjuntamente todas as vogais; já em nossa pesquisa, classificamos as vogais de acordo com a anterioridade/posterioridade e altura (anterior/posterior e alta/ média/ baixa).

De modo geral, observamos, que em Machry da Silva (2009) e Mileski (2013) as vogais (analisadas conjuntamente) favoreceram a elevação. Também em nosso estudo, as vogais médias e a baixa se mostraram favorecedoras da elevação; já as vogais altas, ao contrário do esperado, favoreceram a preservação de /o/. Em relação às consoantes, observamos que as pesquisas apresentaram resultados bastante diferenciados.

### Análise das variáveis sociais

A seguir, apresentamos os resultados das variáveis sociais *sexo, etnia, faixa etária e escolaridade*, de acordo com as localidades em que essas variáveis foram selecionadas.

**Tabela 2: Variáveis sociais**

FATORES	IRATI			MALLET		
	Apl./T	%	P.R.	Apl./T	%	P.R.
<b>Sexo</b>						
Feminino	375/2480	15,1	<b>0,77</b>	109/3694	3,0	0,38
Masculino	142/3093	4,6	0,27	206/3742	5,5	<b>0,62</b>
<b>Etnia</b>						
Poloneses	176/1676	10,5	<b>0,70</b>	227/4876	4,7	<b>0,56</b>
Híbridos	197/1844	10,7	0,47	47/1070	4,4	<b>0,60</b>
Ucranianos	144/2053	7,0	0,36	41/1490	2,8	0,26
<b>Faixa etária</b>						
- 25 a 49 anos				126/3866	3,3	0,45
- 50 anos ou mais				189/3570	5,3	<b>0,56</b>
<b>Escolaridade</b>						
Ensino Médio	241/1840	13,1	<b>0,58</b>			
Fund. I	174/1892	9,2	0,50			
Fund. II	102/1841	5,5	0,43			

Fonte: Elaborado pelas autoras

Conforme podemos observar na tabela, as variáveis sexo e etnia foram selecionadas como significativas nas duas localidades. Em Irati, o sexo feminino favoreceu a elevação da vogal átona final /o/ (0,77), já o sexo masculino, com somente 0,27 para a elevação, favoreceu a preservação da vogal final /o/. Esses resultados parecem demonstrar que as mulheres, geralmente mais sensíveis às normas de maior prestígio ou às inovações, se mostram mais favoráveis à elevação da vogal postônica final /o/.

Em Mallet, porém, a variável sexo apresentou resultados contrários à afirmação anterior, pois foram os falantes do sexo masculino que favoreceram a elevação da vogal /o/ para /u/ (0,62), enquanto o sexo feminino desfavoreceu essa elevação (0,38).

Diversos estudos já demonstraram a influência do fator sexo na escolha das formas linguísticas utilizadas por homens e mulheres. Labov (2008) destaca que em situação de variação estável, as mulheres têm demonstrado preferência ao uso das formas de prestígio. No entanto, conforme esse autor, a tendência de liderança das mulheres às formas inovadoras não pode ser generalizada, visto que é preciso verificar o papel de outros fatores sociais que podem interferir nesse comportamento.

Machry da Silva (2009), em Rincão Vermelho - RS, verificou que os homens apresentaram um leve favorecimento (0,54) para a elevação, e as mulheres uma leve tendência à preservação da vogal média /o/ final (0,46). Para melhor entender o comportamento linguístico dos homens e das mulheres de sua amostra, a autora realizou um cruzamento entre as variáveis *tipo de contato com os centros vizinhos* e *sexo*. Esse cruzamento mostrou que homens e mulheres que possuem contato frequente com centros vizinhos tendem a elevar a vogal postônica final /o/. Segundo a autora, tais resultados confirmam que o tipo de contato com centros urbanos exerce influência no comportamento linguístico de homens e mulheres, mostrando-se mais evidente entre as mulheres.

Nos estudos de Vieira (2009) e Mileski (2013) a variável sexo não foi considerada significativa para a elevação ou não elevação da vogal átona final /o/.

Em nossa amostra, apesar de não termos controlado outras variáveis para melhor caracterizarmos o comportamento linguístico de homens e mulheres, podemos pensar nas atividades normalmente desempenhadas pelos dois sexos na comunidade. As mulheres de nossa amostra ocupam-se principalmente dos trabalhos de casa e da educação dos filhos e, em alguns casos, também trabalham na lavoura com os maridos. Assim, pode-se supor que as relações sociais das mulheres, principalmente em Mallet, são mais restritas ao lar, aos familiares e próximos. Os homens trabalham na lavoura, mas também compram e vendem os produtos, negociam, ou seja, mantêm mais contato com pessoas que não fazem parte da comunidade. Além disso, pelos relatos dos informantes, os homens, mais do que as mulheres, já viajaram para centros maiores. Esses fatores provavelmente também estejam influenciando no comportamento linguístico dos informantes de Mallet, impulsionando o uso da forma inovadora, a elevação da vogal átona final /o/ para /u/, na fala dos homens.

Pode-se dizer, portanto, que a constituição da comunidade, o papel desempenhado por homens e mulheres e as relações sociais decorrentes desses papéis, embora aqui não mensurados, também podem estar interferindo no comportamento linguístico dos homens e das mulheres de nossa amostra.

Em relação à etnia, os resultados mostram que, em Irati, a etnia que mais favorece a elevação de /o/ átono é a polonesa (0,70), os híbridos apresentam um resultado próximo ao ponto neutro (0,47) e os ucranianos desfavorecem a elevação (0,36). Em Mallet, os descendentes de poloneses e os híbridos favorecem a elevação de /o/ para /u/ (0,56 e 0,61, respectivamente); já os ucranianos, como em Irati, desfavorecem a elevação (0,26), favorecendo a preservação da vogal final /o/.

Observamos que os resultados para a etnia polonesa e ucraniana em nossa análise da elevação da vogal /o/ são semelhantes aos obtidos por Loregian-Penkall e Costa (2015) na análise da vogal átona final /e/ na comunidade de Mallet, PR. Nessa comunidade, as autoras verificaram que os descendentes de poloneses favoreceram a elevação da vogal final /e/ e os ucranianos, ao contrário, favoreceram sua preservação.

Segundo Loregian-Penkall e Costa (2015), a manutenção da cultura de origem poderia estar influenciando na tendência à elevação ou não de /e/. Assim, a preservação das vogais finais por parte dos descendentes de ucranianos estaria relacionada ao maior contato com sua cultura de origem (atividades culturais e religiosas, uso da língua), enquanto a elevação das vogais átonas finais, ou seja, o maior uso da forma inovadora pelos descendentes de poloneses estaria relacionado à menor manutenção da cultura de origem nesse grupo. Assim, acreditamos que na zona rural de Irati, da mesma forma que em Mallet, a maior preservação do /o/ final pelos descendentes de ucranianos e sua elevação para /u/ na fala dos descendentes de poloneses esteja relacionada ao maior/menor contato desses grupos com sua cultura de origem.

Em relação à faixa etária, selecionada somente em Mallet, os resultados mostraram que os falantes mais velhos, favoreceram a elevação da vogal átona final /o/ (0,56); já os falantes mais jovens apresentaram um peso relativo de 0,45 para a elevação, ou seja, desfavoreceram a elevação. Esses resultados contrariam a ideia de que os mais jovens estariam mais propensos à inovações.

Os resultados da variável faixa etária em outras pesquisas apresentaram resultados bem diferenciados, dependendo da localidade estudada. Em Curitiba, Limeira (2013) verificou que os informantes mais jovens tendem a elevar essa vogal, apresentando um peso relativo de 0,64 para a elevação; já os mais velhos são os que mais preservam a vogal átona final /o/, com um peso de 0,32 para a elevação.

Em Rincão Vermelho – RS, Machry (2009) analisou três faixas etárias e seus resultados apontam, em todas as faixas etárias, pesos relativos muito próximos ao ponto neutro. Esses resultados indicam, segundo a autora, que na comunidade em estudo a regra de alçamento da vogal média /o/ final caracteriza uma situação de variação estável.

Mileski (2013) também analisou três faixas etárias em Vista Alegre do Prata – RS. A autora verificou que os informantes mais velhos favorecem a elevação (0,66), já os informantes da faixa etária intermediária (36 a 57 anos) são os que mais preservam a vogal átona final /o/, com um peso relativo de 0,62, seguidos pelos falantes mais jovens (15 a 35 anos), com 0,55 para a não elevação.

Os resultados de Mallet aproximam-se, portanto, dos obtidos por Mileski (2013) em Vista Alegre do Prata, RS. Nessas duas comunidades, os falantes mais velhos favoreceram a elevação da vogal átona final /o/ para /u/; já os mais jovens, ao contrário, favoreceram a preservação da vogal átona final /o/. Os resultados da variável faixa etária mostram, portanto, que em Mallet, assim como em Vista Alegre do Prata, não há indícios de que o uso de elevação da vogal átona final /o/ caracterize mudança em progresso.

Em relação à escolaridade, variável selecionada somente em Irati, verificamos que os informantes com ensino médio mostraram-se mais favoráveis ao processo de elevação da postônica /o/ em posição final (0,58). Já os informantes com ensino fundamental I apresentam um resultado no ponto neutro (0,50) e os com fundamental II tendem a preservar a vogal nessa posição (0,43).

Apesar de não termos uma escala gradual decrescente nos pesos atribuídos segundo a escolaridade dos falantes em Irati, o que podemos inferir é que a elevação predomina no nível de maior escolaridade, o ensino médio. No entanto, considerando os resultados do nível fundamental I e fundamental II, temos poucas evidências para confirmar a hipótese de que os

informantes com maior grau de escolaridade apresentam um comportamento mais favorável ao processo de alçamento da vogal final /o/. Esse resultado necessita, portanto, de maiores refinamentos para se chegar a uma conclusão mais consistente.

## Considerações finais

Os resultados obtidos em nosso estudo apontam uma baixa probabilidade de elevação da vogal átona final /o/ nos dados de Irati (9,3%) e Mallet (4,2%). Verificamos, portanto, que nas duas comunidades analisadas predomina a não elevação da vogal (90,7% e 95,8%, respectivamente) e esse percentual de não elevação é significativamente mais elevado que o encontrado em outras localidades da região Sul (Vieira, 2009; Macrhy da Silva, 2009, Limeira, 2013), com exceção do obtido por Mileski (2013) em Vista Alegre do Prata (94,4%), comunidade rural, constituída por descendentes de poloneses e que apresentou um resultado bastante similar ao nosso.

Nas duas localidades por nós analisadas, as interferências linguísticas que se mostraram mais relevantes na elevação de /o/ para /u/ foram estas variáveis e respectivas variantes: (i) presença/ausência de vogal alta (presença de vogal alta); (ii) tipo de sílaba (com coda); (iii) ponto de articulação da consoante seguinte (pós alveolar); (iv) ponto de articulação da consoante precedente (labiodental); (v) tipo de consoante/vogal precedente (nasal, vogal i). Estes foram, portanto, alguns dos principais contextos linguísticos favorecedores da elevação de /o/ para /u/ em Irati e Mallet.

Considerando essas variáveis linguísticas, os resultados do tipo de sílaba e presença/ausência de vogal alta na palavra apresentaram tendências semelhantes às obtidas nos demais trabalhos citados. Em nosso estudo, a elevação de /o/ para /u/ foi favorecida nas sílabas com coda (0,95) e nas palavras com vogal alta (0,60).

Em relação às demais variáveis linguísticas selecionadas (tipo de consoante/vogal em contexto precedente, ponto de articulação da consoante precedente e seguinte), as diferenças na constituição dos fatores dessas variáveis dificultaram comparações entre os resultados ou generalizações.

Quanto às variáveis sociais, a etnia e o sexo foram selecionadas nas duas localidades. Em relação à etnia, os resultados mostram que os descendentes de poloneses (e os híbridos em Mallet) favoreceram a elevação, e os ucranianos a desfavoreceram. Esses resultados parecem indicar que a manutenção ou não da cultura de origem estaria condicionando a preservação do /o/ final pelos descendentes de ucranianos e sua elevação para /u/ na fala dos descendentes de poloneses.

Quanto à variável sexo, em Irati, os resultados parecem demonstrar que o sexo feminino é mais sensível às normas de maior prestígio ou às inovações, pois as mulheres dessa amostra se mostraram mais favoráveis à elevação da vogal postônica final /o/ (0,77), e os homens, com somente 0,27 para a elevação, favoreceram a preservação da vogal final /o/. Já em Mallet, no entanto, o sexo masculino favoreceu a elevação da vogal /o/ para /u/ (0,62), enquanto o sexo feminino desfavoreceu a elevação (0,38).

Acreditamos que a maior preservação da vogal átona final na fala das mulheres de Mallet pode estar relacionada ao papel desempenhado por elas na comunidade e às relações sociais decorrentes desses papéis, fatores aqui não mensurados, mas que também podem estar interferindo no comportamento linguístico dos homens e das mulheres dessa amostra.

A variável faixa etária foi selecionada somente em Mallet e os resultados apontam que os falantes com mais de 50 anos, os mais velhos, favorecem a elevação do /o/, já os mais jovens desfavorecem essa elevação. Esses resultados parecem indicar que não há indícios de que o uso de elevação da vogal átona final /o/ caracterize mudança em progresso em Mallet.

## Referências

- BISOL, L. Neutralização das átonas. In: *Revista Letras*, Curitiba: Editora UFPR, n. 61, p. 273-283, 2003. Edição especial.
- \_\_\_\_\_. A Simetria no Sistema Vocálico do Português Brasileiro. In: *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. vol. 5, p. 41-52, 2010.
- BURKO, V. *A imigração Ucraniana no Brasil*. 2ª Ed. Curitiba. 1963.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HANEIKO, V. *Uma centelha de Luz*. Curitiba: Clero Diocesano Ucraniano no Brasil. Editora Kindra, 1985.
- HAURESKO, J. B. *Estudo sócio-linguístico da comunidade ucraniana de Linha Esperança – Prudentópolis – Paraná*. Guarapuava-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização).
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LIMA-HERNANDES, M. C. Sociolinguística e línguas de herança. In: MOLLICA, M.C.; FERRAREZI JÚNIOR, C. (Orgs.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 97-110.
- LIMEIRA, L. *O não alçamento das vogais médias na fala de Curitiba sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa*. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LOREGIAN-PENKAL, L. et al. Banco de dados de fala eslava: discussões metodológicas. In: CAMPIGOTO, J. e CHICOSKI, R. (Orgs.). *Brasil-Ucrânia: linguagem, cultura e identidade*. São Paulo: Paco Editorial, 2013. p. 58-73
- \_\_\_\_\_.; COSTA, L. T. O fenômeno de não elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de eslavos de Mallet, Paraná, Brasil. In: *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 9, n. 20, p. 85-99, 2016.
- MACHRY DA SILVA, S. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MILESKI, I. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS*. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- OGLIARI, M. A manutenção do ensino da língua ucraniana em comunidade bilíngüe português/ucraniano. In: LEFFA, V. J. (Org.). *O professor de línguas: construindo a profissão*. Pelotas: EDUCAT, 2001.
- VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L. e BRESCANCINI, C. (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.127-159.
- \_\_\_\_\_. As vogais médias átonas nas três capitais do sul do país. In: BISOL, L., COLLISCHONN, G. (org.). *Português do Sul do Brasil – Variação fonológica*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2009. p.50-72.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Submissão: junho de 2024.

Aceite: julho de 2024.